

Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba

Sexuality in adolescence: potentials and difficulties of secondary school teachers at a public school of Sorocaba

Vanessa dos Reis Queiroz¹, Janie Maria de Almeida²

RESUMO

Objetivos: Este artigo teve como objetivo traçar o perfil dos professores de uma escola estadual de ensino médio segundo as variáveis sociodemográficas, sexo, idade, estado civil, escolaridade, área de formação, tempo de trabalho em escola, tempo de trabalho na escola pesquisada; e investigar seu conhecimento sobre a temática sexualidade. **Método:** Trata-se de uma pesquisa descritiva e quanti-qualitativa, realizada com 27 professores de uma escola estadual de ensino médio, localizada na região noroeste do município de Sorocaba, São Paulo. **Resultados e Discussão:** Para esse grupo de professores, o processo de adolecer é caracterizado por mudanças comportamentais, emocionais, biológicas e sociais; eles acreditam que a família não deve ser a única responsável pela educação sexual, ressaltando que é a base principal do processo educacional. **Conclusão:** A oportunidade de trabalhar com os professores de ensino médio mostrou que, de modo geral, esses profissionais abordam a sexualidade no ambiente escolar.

Palavras-chave: educação sexual; adolescência; conhecimentos, atitudes e práticas em saúde; professores escolares; ensino fundamental e médio.

ABSTRACT

Objectives: This article aimed to trace the profile of teachers at a public school in high school, according to sociodemographic variables, gender, age, marital status, education, training, working time in school, working time in the researched school; and to investigate their knowledge on the subject of sexuality. **Method:** This is a descriptive and quanti-qualitative research, conducted with 27 teachers at a secondary public school located in the northwestern region of the city of Sorocaba, São Paulo. **Results and Discussion:** For this group of teachers, the process of adolescence is characterized by behavioral, emotional, biological and social changes; they believe that the family should not be the only responsible for sex education, emphasizing that it is the principal basis in the educational process. **Conclusion:** The opportunity to work with secondary school teachers showed that, in general, these professionals address sexuality in the school environment.

Keywords: sex education; adolescent; health knowledge, attitudes, practice; school teachers; education, primary and secondary.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período importante no desenvolvimento humano, definida como a transição entre a infância e a idade adulta, em que ocorrem intensas mudanças no desenvolvimento, manifestadas por transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais.¹

A sexualidade faz parte da identidade humana, desenvolvendo-se no decorrer da vida e sendo entendida como um fator que motiva a diferentes formas de busca e vivência do prazer.¹

“É na adolescência, quando as mudanças estão consolidando-se, que o jovem necessita de informações claras, apoio e compreensão”.²

Nesse sentido, a orientação sexual durante essa etapa da vida é imprescindível, uma vez que o adolescente precisa adquirir a segurança necessária, perceber que sua vida sexual está se iniciando e que dispõe de amparo, seja da família, seja dos professores ou profissionais da saúde, para receber informações corretas sobre o assunto.³

¹Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Residência Multiprofissional em Saúde da Família – Sorocaba (SP), Brasil.

²PUC-SP, Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde – Sorocaba (SP), Brasil.

Contato: vanessa.rqueiroz@outlook.com

Recebido em 13/02/2017. Aceito para publicação em 04/05/2017.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propõem o ensino sobre sexualidade nas escolas. A educação sexual deve ser inserida como tema transversal, ou seja, um assunto ministrado no interior das várias áreas de conhecimento.⁴

Em análise crítica sobre educação sexual prevista no currículo de São Paulo, observaram-se como vantagens a obrigatoriedade de trabalhar o tema, uma vez que ele consta nos Cadernos do Currículo,⁵ que constituem orientação básica para o trabalho do professor em sala de aula, e também é contemplado em avaliações oficiais, como o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP), e o fornecimento de recursos didáticos; e como desvantagem o enfoque biológico, uma vez que os responsáveis pelo trabalho são os professores de Biologia e de Ciências, destacando a inadequação de sua formação.⁶

O Caderno do Professor Ciências e Natureza 7^a série/8^o ano, recomendado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, apresenta estratégias para que os professores de Biologia abordem a sexualidade com os alunos, por meio dos temas: sistema reprodutor masculino, métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).⁷ O Caderno do Professor Biologia e Ciências da Natureza 1^a série do ensino médio propõe que sejam trabalhados com os adolescentes os seguintes temas: DSTs, métodos contraceptivos e gravidez na adolescência, por meio de referências sugeridas e roteiros para aplicação da situação de aprendizagem.⁸

O tema sexualidade ainda é, por vezes, delicado e difícil de ser abordado; muitas vezes os pais não se sentem preparados para debater o assunto, não propiciando uma abertura para a conversa em casa. Observa-se que esses pais deixam a responsabilidade para os educadores, que discutem o assunto mesmo sem estar preparados, uma vez que o tema sexualidade ainda não é explorado de maneira satisfatória no contexto escolar e encontra-se cercado de mistérios e tabus.⁹

Dessa forma, é preciso rever práticas de saúde e educação direcionadas a essa parcela significativa da sociedade.²

DSTs e gravidez não planejada na adolescência são fatores recorrentes e alcançam considerável parcela das adolescentes do bairro São Bento. Diante disso, a presença da escola como orientadora faz-se necessária, por meio de educadores preparados para esclarecer dúvidas.

Assim, observa-se a necessidade de investigar as dificuldades encontradas pelos professores ao abordar o tema sexualidade, já que se trata de um assunto que não pode ser deixado de lado, visto que as pessoas vivem em um meio sexualizado.

Frente a tal contexto, este estudo teve como objetivo traçar o perfil dos professores segundo as variáveis sociodemográficas, sexo, idade, estado civil, escolaridade, área de formação, tempo de trabalho em escola, tempo de trabalho na escola pesquisada; e investigar seu conhecimento sobre a temática sexualidade.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem quanti-qualitativa, realizada com professores de ensino médio em uma escola estadual localizada na região noroeste do

município de Sorocaba, São Paulo. A amostra foi constituída de 27 professores, que participaram do encontro formal denominado atividade pedagógica coletiva (ATPC) como critério de inclusão. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados foi realizada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no período de agosto de 2016, por meio da aplicação de um questionário durante a ATPC, sendo que a primeira parte focalizava os dados sociodemográficos e a segunda apresentava três questões dissertativas para investigar o conhecimento dos professores sobre a temática envolvendo o adolescente, especificamente a sexualidade.

Os dados qualitativos foram analisados pela análise de conteúdo de Bardin.¹⁰

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 27 professores de ambos os sexos e diferentes disciplinas, sendo 12 e 15 em cada encontro. Foi possível traçar o perfil dos profissionais segundo as variáveis sociodemográficas, sexo, idade, estado civil, escolaridade, área de formação, tempo de atividade em escolas e tempo de trabalho na escola pesquisada (Tabela 1).

A predominância é do gênero feminino, correspondendo a 63%, e a faixa etária entre 41 e 50 anos prevaleceu, equivalendo a 41%. Em relação ao estado civil, 52% dos professores são casados; 22%, divorciados; 19%, solteiros; e 7%, viúvos.

Apenas um professor cursou pós-graduação e um cursou mestrado. A média de tempo de atividade em escolas foi de 11 a 15 anos e, na escola pesquisada, de 6 a 10 anos. Em relação à área de formação, houve predomínio de Biologia, Matemática, Pedagogia e Letras; não há explicação para essa prevalência.

Com relação à investigação do conhecimento dos professores sobre a temática sexualidade, foi questionado: "Como você percebe o processo de adolecer?"

As categorias eleitas foram: biológica, emocional e social.

Para esse grupo de professores, o processo de adolecer é caracterizado por mudanças comportamentais e emocionais e evidenciado como difícil e conturbado. O relato a seguir exemplifica essa visão:

É um processo complexo, visto que eles estão se descobrindo, se revoltam por motivos banais, têm os sentimentos aflorados, então qualquer coisa que você fale pode ser mal interpretado. Além disso, eles são apresentados ao mundo, querem obter a tal liberdade, mas sentem-se inseguros para isso. (P12)

Essa ideia é confirmada na literatura, conforme descrito por Moreira et al., que consideram a adolescência um período de contradições e ambivalências, turbulento, repleto de paixões e caracterizado por conflitos com os meios familiar e social.¹¹

Outro aspecto ressaltado é a recusa dos adolescentes em aceitar normas. Essa rebeldia integra a construção da identidade juvenil e é fundamental ao desenvolvimento humano.²

Tabela 1. Características sociodemográficas dos professores da escola estadual, Sorocaba, 2016.

Variáveis	n	%
Gênero		
Masculino	10	37
Feminino	17	63
Faixa etária		
22 a 30 anos	3	11
31 a 40 anos	7	26
41 a 50 anos	11	41
51 a 69 anos	6	22
Estado civil		
Solteiro(a)	5	19
Casado(a)	14	52
Divorciado(a)	6	22
Viúvo(a)	2	7
Escolaridade		
Graduado	25	92
Pós-graduação/especialização	1	4
Mestrado	1	4
Área de Formação		
Biologia	7	20
Matemática	6	17
Pedagogia	4	11
Letras	4	11
História	3	8
Sociologia	2	6
Artes	2	6
Geografia	2	6
Inglês	1	3
Educação física	1	3
Português	1	3
Filosofia	1	3
Engenharia ambiental	1	3
Tempo de atividade em escola		
1 a 5 anos	3	11
6 a 10 anos	5	18
11 a 15 anos	8	30
16 a 20 anos	4	15
21 a 25 anos	6	22
26 a 30 anos	1	4
Tempo de trabalho na escola pesquisada		
<1 ano	6	22
1 a 5 anos	6	22
6 a 10 anos	11	41
11 a 15 anos	2	8
16 a 20 anos	2	8
Total	27	100

Obs.: Para a variável área de formação, houve indicação de mais de uma área.

O adolescente procura construir sua identidade integrando sentimentos, necessidades e desejos,¹² que são expressos no relato a seguir:

Percebo que, quando a criança entra na adolescência, mudam suas atitudes e o modo de pensar. Tudo é intenso, inclusive os sentimentos. É a fase em que o adolescente dá muito valor para a aparência, cada um procura o grupo (tribo) em que se encaixa e, atrelado a isso, em alguns aflora a rebeldia 'sem causa'. (P25)

Ressalta-se que, com o decorrer do amadurecimento do processo de adolescer, os adolescentes passam a se preocupar e valorizar o novo corpo que está surgindo, adotando comportamentos sociais e sexuais atribuídos a cada sexo.¹

A convivência com uma "tribo urbana" parece permitir aos integrantes compartilhar experiências, visões e opiniões semelhantes, sentimentos e sensação de pertencimento, favorecendo o processo de crescimento do indivíduo.¹³

Nove professores definiram a adolescência como processo natural do ser, evidenciado por transformações corporais, e sete a referiram como a maturação social, conforme relatos a seguir:

É um processo natural do ser que compreende a maturação do seu corpo, mente e social, sendo embutido por um processo hormonal que guia toda essa maturação. (P3)

Um período difícil de descobertas e questionamentos que contribui para a formação de caráter e aprendizagem na convivência pacífica construtiva do cidadão atuante. (P6)

Segundo Campos, a adolescência é uma fase da vida que tem características próprias, marcada pela passagem da infância para a idade adulta, com mudanças físicas e emocionais, ampliação no campo da socialização, evolução não linear de experiências e autonomia, inclusive no domínio da sexualidade.¹⁴

Os professores também apontaram que o adolescer, com relação ao aspecto da sexualidade, é permeado por situações de vulnerabilidade, como gravidez indesejada e risco de contrair DSTs, conforme exemplificado a seguir:

Entendo como uma etapa crucial do processo de desenvolvimento de uma pessoa. É um período da vida humana que se caracteriza por profundas transformações corporais e psicológicas, com forte influência sociocultural. Vale lembrar que durante essa etapa os jovens passam por situações de vulnerabilidade e de risco de uma gravidez indesejada, de contrair DSTs, portanto, devem ser trabalhadas na escola. (P16)

Ao expressar a sexualidade, o adolescente pode estar mais vulnerável a comprometimentos de saúde, tornando-se imprescindíveis o planejamento e a implementação de ações

voltadas especificamente a esse período da vida, no intuito de promover condutas sexuais seguras, tais como: discussão sobre práticas sexuais, medidas de prevenção da gravidez precoce, métodos anticoncepcionais e outros assuntos sobre os quais o adolescente sinta necessidade de informar-se, visando a obter comportamentos benéficos.²

É promissora a fala de alguns professores que se propõem a auxiliar os jovens nesse processo:

Muito complicado. Do mesmo jeito que são espontâneos, existem outros mais reservados, então, sempre dou a oportunidade para que eles me procurem, e tento ser o mais claro possível. (P15)

Para Jardim, há necessidade de “construir” professores com habilidades essenciais, e reciclar seu conhecimento por meio de programas de atualização e capacitação direcionados à sexualidade, para que sejam capazes de criar e manter um vínculo de confiança com o adolescente e cumprir os objetivos da orientação sexual na escola, de levá-los à reflexão e à aplicação do conhecimento para a construção da cidadania.¹⁵

A responsabilidade da educação sexual foi questionada da seguinte forma: “Você acredita que a família deve ser a única responsável pela educação sexual?”

A totalidade das respostas dos professores indica que a família não deve ser a única responsável pela educação sexual — ressaltando que é a base principal do processo educacional —, e que a sociedade como um todo deve auxiliar no aprimoramento do assunto, conforme exposto a seguir:

Acredito que a família deve ser a base do conhecimento sexual, porém, a sociedade como um todo deverá auxiliar esse adolescente a ter conhecimento aprimorado sobre o assunto. A escola como fonte de conhecimento deve e pode ajudar nesse item tão importante para a formação sexual do jovem da atualidade. (P5)

A escola possui uma condição diferente da familiar, contudo, cabe a ela discutir as questões ligadas à sexualidade, abordando diferentes pontos de vista, valores e crenças.¹⁶

A família, mesmo que não dialogue abertamente sobre sexualidade, fornece as primeiras noções sobre o que é adequado, ou não, por meio de gestos, expressões, recomendações e proibições.¹⁵

Para Dias et al.,¹⁷ é inquestionável a importância da família na educação sexual das crianças e jovens, uma vez que a vivência da sexualidade é um dos elementos do processo de desenvolvimento global do indivíduo, no qual a família é o primeiro e principal agente.

Independentemente da participação familiar no processo educativo, a sexualidade é abertamente debatida na sociedade e nos meios de comunicação, como televisão, rádio e redes sociais, que têm influenciado diretamente no comportamento do adolescente com um bombardeio de informações, em sua maioria, distorcidas sobre o assunto.¹⁸

É esperado que a educação sexual nas instituições transmita a sexualidade a partir de um enfoque sociocultural, ampliando, desse modo, a percepção de mundo do aluno, ajudando-o a se aprofundar e refletir sobre a forma como a sexualidade se apresenta em sua cultura promovendo a prevenção de futuros problemas de saúde, o amadurecimento do indivíduo sem preconceitos e traumas, entre outras questões.¹⁸

Vale ressaltar que um professor referiu que o docente de Biologia deve ser o responsável por abordar a sexualidade nas aulas.

Durante a aplicação do questionário, o professor expôs a opinião ao grupo, gerando uma discussão sobre não enfatizar apenas questões biológicas e preventivas, mas também abordar a sexualidade relacionada com o contexto social, intensificando o debate sobre pensamentos e condutas preconceituosas.

Esse fato remete uma visão “biologicista”, possibilitando a reflexão sobre a estratégia de o professor ter conhecimento e domínio para discutir os temas transversais, ensejando um debate importante e construtivo.

Vale ressaltar que a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo elaborou um encarte para o professor, denominado Matriz de Referência para a Avaliação Processual. O conteúdo objetiva desenvolver, ao longo do processo escolar, competências e habilidades para a formação integral do aluno, visando preparar o maior número de professores para abordar a sexualidade.¹⁹

Para pesquisar a experiência do professor com os alunos, foi solicitado o relato: Conte-nos como você aborda a sexualidade com os adolescentes.

De acordo com as respostas, a maior parte dos professores aborda a sexualidade por meio do diálogo, dando abertura para a discussão do tema, conforme exemplificado a seguir:

Tento conversar com eles da forma mais aberta possível, sem moralizar e de forma natural, pois a sexualidade é intrínseca ao ser. (P3)

Se a meta é informar ou, melhor ainda, formar, a escola se destaca entre os grupos de referência por ser essa sua função precípua. Nesse espaço pedagógico, a orientação sexual torna legal a discussão sobre sexualidade.²⁰

Estudos recentes mostram que o ambiente escolar é apropriado para o desenvolvimento de programas dinâmicos, interativos e de socialização entre educandos e educadores no trabalho dessa temática.²¹

Alguns professores esclarecem o assunto apenas ao serem questionados por algum aluno:

Ao ser questionada sobre algum assunto sexual, procuro, de acordo com os meus conhecimentos, esclarecer a questão, mostrando aspectos do tema sob diversas óticas (olhares). Procuro ampliar o debate para a sala toda, percebendo o senso comum sobre o assunto. A conclusão deixo à livre escolha. (P5)

Destacamos que apenas um professor referiu ter dificuldade com o tema, não detalhando o motivo para tal.

De acordo com o autor,²² existem impedimentos para a efetivação de estratégias que garantam o desenvolvimento da sexualidade saudável, tais como falta de preparo e insegurança para lidar com o tema — cercado de tabus e superstições —, tanto pelos familiares como pelos educadores.

Quatro professores relataram que abordam o tema por meio de aulas expositivas, pesquisas, filmes, trabalhos em grupo, jogos e dinâmicas.

De forma impessoal, debatemos o assunto, com abertura para questionamento, filmes etc. (P9)

Ao adotarem a metodologia participativa, os professores permitem a atuação efetiva dos participantes no processo educativo, sem considerá-los como meros receptores de conhecimento e informação. No enfoque participativo, valorizam-se os conhecimentos e as experiências dos participantes, envolvendo-os na discussão, na identificação e na busca de soluções para problemas de sua vida cotidiana.²³

A realização de oficinas de Educação em Saúde no ambiente escolar é importante, pois a escola exerce papel essencial na socialização e na formulação de conhecimento e dos valores necessários para a conquista do exercício pleno da cidadania, sendo, assim, um espaço formador de jovens ativos na sociedade.²⁴

CONCLUSÃO

Ao concluir esta pesquisa com os professores do ensino médio de uma escola estadual na região noroeste de Sorocaba, São Paulo, foi possível traçar o perfil de 27 profissionais, que se caracteriza por predomínio do gênero feminino; faixa etária prevalente entre 41 e 50 anos; casados; e escolaridade superior, conforme exigência profissional. A média de tempo de atividade em escolas foi de 11 a 15 anos e, na escola pesquisada, de 6 a 10 anos. Em relação à área de formação, houve predomínio de Biologia.

Quanto ao questionamento sobre o processo de adolescer, os professores caracterizaram-no como um período de mudanças biológicas, emocionais e sociais.

Com relação à responsabilidade da família na educação sexual, as respostas indicam que ela não deve ser a única responsável — ressaltando que é a base principal do processo educacional —, e que a sociedade como um todo deve auxiliar o adolescente a se aprimorar no assunto.

A oportunidade de trabalhar com um grupo de professores do ensino médio mostrou que, de modo geral, esses profissionais abordam a sexualidade no ambiente escolar por meio do diálogo, dando abertura para a discussão do tema; outros discutem o assunto por meio de aulas expositivas, pesquisas, filmes, trabalhos em grupo, jogos e dinâmicas. Alguns professores esclarecem o assunto apenas ao serem questionados informalmente por algum aluno.

REFERÊNCIAS

1. Brêtas JR, Ohara CV, Jardim DP, Aguiar Junior W, Oliveira JR. Aspectos da sexualidade na adolescência. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2011;16(7):3221-8. DOI: 10.1590/S1413-81232011000800021
2. Araújo AC, Lunardi VL, Silveira RS, Thofehn MB, Porto AR, Soares DC. Implicações da sexualidade e reprodução no adolescente saudável. *Rev Rene*. 2012;13(2):437-44.
3. Brilhante AV, Catrib AM. Sexualidade na adolescência. *Femina*. 2011;39(10):504-9.
4. Brasil. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual. Brasília: MEC/SEF; 1997.
5. Brasil. Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias. 2ª ed. São Paulo: Secretaria da Educação; 2011. 260 p.
6. Miranda MA. A abordagem da sexualidade no currículo de São Paulo [Internet]. 2011 [acesso em 13 fev. 2017]. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1001-2.pdf>
7. Brasil. Secretaria da Educação. Caderno do professor: ciências, ensino fundamental: 7ª série, 8º ano. São Paulo: Secretaria da Educação; 2014-2017. p. 77.
8. Brasil. Secretaria da Educação. Caderno do professor: biologia, ensino médio: 1ª série. São Paulo: Secretaria da Educação; 2014-2017. p. 100.
9. Nothhaft SC, Zanatta EA, Brumm ML, Galli KS, Erdtmann BK, Buss E, Silva PR. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. *Rev Min Enferm*. 2014;18(2):284-9.
10. Silva AH, Moura GL, Cunha DE, Figueira KK, Horbe TA, Gaspary E. Análise de conteúdo: fazemos o que dizemos? Um levantamento de estudos que dizem adotar a técnica. In: IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. Brasília: ANPAD; 2013.
11. Moreira TM, Viana DS, Queiroz MV, Jorge MS. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Rev Esc Enferm*. 2008;42(2):312-20. DOI: 10.1590/S0080-62342008000200015
12. Ferreira MM, Torgal MC. Estilos de vida na adolescência: comportamento sexual dos adolescentes portugueses. *Rev Esc Enferm*. 2011;45(3):589-95. DOI: 10.1590/S0080-62342011000300006
13. Serrão BO, Santana JP. Experiências vivenciadas por adolescentes em tribos urbanas: com a palavra os emos. *Interações*. 2013;9(26):69-91.
14. Campos HM. O sujeito adolescente e o cuidado de si: cenários, significados e sentidos da iniciação sexual e do cuidado com a saúde sexual e reprodutiva [dissertação]. Belo Horizonte: Centro de Pesquisas René Rachou, Fundação Oswaldo Cruz; 2011.
15. Jardim DP, Brêtas JR. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. *Rev Bras Enferm*. 2006;59(2):157-62. DOI: 10.1590/S0034-71672006000200007
16. Costa DM, Moreno OS, Miranda JR. Práticas de educação sexual no cotidiano escolar: tecendo reflexões. Campina Grande: Editora Realize; 2015.

17. Dias A, Ramalheira C, Marques L, Seabra M, Antunes M. Educação da sexualidade no dia-a-dia da prática educativa. Braga: Edições da Casa do Professor; 2002.
18. Rodrigues CP, Wechsler AM. A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. *Cad Educ Ensino Soc.* 2014;1(1):89-104.
19. São Paulo. Matriz de avaliação processual: encarte do professor. São Paulo: Secretaria da Educação; 2016.
20. Saito MI, Lea MM. Educação sexual na escola. *Pediatria.* 2000;22(1):44-8.
21. Souza MM, Del-Rios NH, Munari DB, Weirich CF. Orientação sexual: conhecimentos e necessidades de professores de um colégio público de Goiânia-GO. *Rev Eletr Enferm [Internet].* 2008 [acesso em 13 fev. 2017];10(2):460-71. Disponível em https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v10/n2/pdf/v10n2a17.pdf
22. Holanda ML, Frota MA, Machado MF, Vieira NF. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. *Cogitare Enferm.* 2010;15(4):702-8.
23. Ramos FR. *Adolescer, compreender, atuar, acolher: Projeto acolher.* Brasília: Associação Brasileira de Enfermagem; 2001. 304 p.
24. Beserra EP, Torres CA, Barroso MG. Dialogando com professores na escola sobre sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis. *Rev Rene.* 2008;9(4):151-7.